

Gêmeos monozigóticos – revelações do discurso familiar

Monozygotic twins – hidden aspects of family speech

Naraí Lopez Barbeta¹, Ivone Panhoca², Maria de Lurdes Zanolli³

RESUMO

Objetivo: Nas famílias de gêmeos monozigóticos, algumas práticas podem acompanhar o processo de gestação, nascimento e desenvolvimento dessas crianças. Inclui-se a escolha de roupas iguais ou com diferença apenas na cor, nomes com semelhanças fonéticas, rotinas parecidas quanto à alimentação e sono. O objetivo, aqui, foi acompanhar longitudinalmente uma família, analisando os pressupostos e práticas sociais manifestados discursivamente, a respeito da gemelaridade, a partir do diagnóstico da gestação gemelar de crianças monozigóticas, considerando-se, em especial, o desenvolvimento da linguagem e o processo de constituição da identidade de tais crianças. **Métodos:** O trabalho pauta-se na abordagem naturalista/observacional, perspectiva histórico-cultural e no paradigma de natureza indiciária. Considerou-se os dados de oito entrevistas, vídeo-gravadas a cada três meses, a partir do diagnóstico da gestação gemelar monozigótica com uma família. Os dados foram analisados, considerando-se: a descoberta, escolha de nomes, vestuário, interação, rotina, linguagem e identidade. **Resultados:** As categorias analisadas apareceram nos discursos coletados e revelaram a dificuldade familiar em assimilar a presença de gêmeos, que acabam sendo “dois vistos como um”. **Conclusões:** Os aspectos sociais envolvidos frente à semelhança são marcantes o suficiente para vencer a possibilidade de alteração no processo de desenvolvimento da linguagem e identidade dessas crianças. A Fonoaudiologia precisa incorporar à prática clínica, o acolhimento dessas famílias, com suas crenças e valores, para que as intervenções fonoaudiológicas, junto a essa população, sejam efetivas.

Descritores: Gemelaridade monozigótica; Linguagem; Relações familiares; Hábitos; Valores sociais; Orientação infantil

INTRODUÇÃO

Diversas são as condições históricas que dão origem à configuração da família, na qual se insere certo número de pessoas que convivem de maneira dinâmica, transformando e sendo transformadas qualitativa e quantitativamente.

A participação de uma pessoa, em determinado grupo, familiar ou não, é ativa, pois ela ouve e contribui com suas histórias e experiências pessoais⁽¹⁾.

E a linguagem, como produto histórico, tem um lugar especial nessa comunicação coletiva e grupal. Ela é consti-

tutiva da atividade mental humana, sendo, ao mesmo tempo, um processo social e pessoal que tem origem e se realiza nas relações entre indivíduos organizados socialmente; é um meio de comunicação entre eles, mas, acima de tudo constitui as possibilidades de reflexão, compreensão e elaboração das próprias experiências e a consciência de nós mesmos⁽²⁻⁴⁾.

Linguagem e construção de identidade mantêm estreita relação. A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. A identidade é (re) criada na interação, permeada pela linguagem e, assim, pode-se dizer que a interação é, ao mesmo tempo, mediadora e constitutiva dos processos de identificação dos sujeitos sociais envolvidos em uma prática social⁽³⁻⁴⁾.

A linguagem integra, com papel de destaque, o processo de constituição do indivíduo como sujeito social, enquanto a constituição da identidade desse sujeito ocorre no contexto das relações, na ordem do social e do intrafamiliar, mediadas e constituídas pela linguagem. Existe, portanto, um estreito vínculo entre a construção de identidades, as condições de existência, a cultura e as relações sociais⁽⁴⁾.

Quando se trata do desenvolvimento destes aspectos em circunstâncias especiais, como, por exemplo, no caso de gêmeos monozigóticos (MZ), tem-se deflagrado um questionamento ainda maior, no que se refere ao lugar e à importância que ocupam aspectos como constituição familiar, carga genética e influência ambiental.

Gêmeos idênticos, considerando que ambos apresentam os mesmos genes e a mesma forma de criação, deveriam, por

Trabalho realizado no Departamento de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – Campinas (SP), Brasil.

(1) Doutora, Professora do Curso de Fonoaudiologia do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio – CEUNSP – Itu (SP), Brasil e do Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica – CEFAC – São Paulo (SP), Brasil.

(2) Doutora, Professora da Faculdade de Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCCAMP – Campinas (SP), Brasil; Professora Visitante do Programa de Pós Graduação Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – Campinas (SP), Brasil.

(3) Doutora, Professora do Departamento de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – Campinas (SP), Brasil.

Endereço para correspondência: Naraí Lopez Barbeta. R. Izabel Negrão Bertotti, 141/81, Mansões Santo Antônio, Campinas – SP, CEP 13087-508. E-mail: wnbarbeta@terra.com.br

Recebido em: 15/1/2008; **Aceito em:** 10/05/2008

exemplo, reagir da mesma maneira aos fatores ambientais, mas isso não ocorre.

Autores afirmam que as crianças tentam se descobrir sozinhas e buscam modelos e comparações entre seus pares muito mais do que nas relações parentais⁽⁵⁾.

Por outro lado, estudos comprovam a forte influência do grupo familiar sobre o desenvolvimento global da criança. Desde o nascimento, a criança está em constante interação com os adultos, que compartilham com ela seus modos de viver, de agir, de dizer e de pensar, integrando-a aos significados que foram sendo produzidos e acumulados historicamente. As atividades que ela realiza, interpretada pelos adultos, adquirem significado no sistema de comportamento social do grupo a que pertence⁽⁶⁾.

Isto porque a família constitui um conjunto organizado de pessoas que se relacionam e interagem; cada um de seus membros exerce um papel específico, determinado por questões culturais e pelas necessidades individuais e do grupo⁽⁷⁾.

Cada família, não importando sua formação, constituição ou condição, possui um repertório de experiências e situações vivenciadas, que lhe serve de referência para interpretar o mundo e validar suas ações. E é por intermédio desse estoque de crenças e valores, construído na sucessão de gerações, que o grupo familiar irá dar à criança, as chaves de acesso ao mundo⁽⁸⁾.

O nascimento de dois bebês semelhantes (como os gêmeos MZ) pode abalar e desafiar a gama de conhecimento afetivo, interacional e relacional da família que os recebe. E, quando este acontecimento é revelado, estabelece-se um novo momento familiar, no qual nascerá um novo pai e uma nova mãe⁽⁷⁻⁸⁾.

Quando são gêmeos MZ, algumas práticas sociais parecem vir acompanhando todo esse processo de concepção, nascimento e desenvolvimento das crianças. Tem-se, aqui, o fato de usar roupas iguais ou com diferença apenas na cor, escolher nomes com semelhanças fonéticas, estabelecer rotinas parecidas quanto à alimentação e sono e manter atitudes similares para com as crianças. Estas práticas, frequentemente observadas no seio familiar, são, ainda, reforçadas nas relações sociais de vizinhança, compadrio e amizade, dos diferentes grupos sociais.

E, muitas vezes, não há o respeito pela individualidade e pelo processo de constituição da identidade de cada membro do par, culminando em uma posterior dificuldade de aceitação pelo grupo social a que pertencem, caso desejem firmar a diferença como fator principal de sua individualidade⁽⁹⁻¹¹⁾.

Assim, permeada por tais práticas sociais, a situação de desenvolvimento da identidade e da linguagem dos gêmeos pode caminhar para a formação de um estigma: duas crianças gêmeas monozigóticas estariam automaticamente vinculadas à condição *sine qua non* de que a semelhança não é apenas física, mas envolve aspectos de identidade e de aceitação social⁽⁹⁾.

Passariam, então, a ser expostas a uma convivência social atravessada pela confirmação/convicção de que a gemelaridade e, portanto, a semelhança física relaciona-se diretamente à igualdade de identidade^(4,9).

Dependendo de como as práticas sociais são abordadas/enfatizadas ao longo do desenvolvimento e crescimento das crianças, podem vir a ser consideradas como aspectos

disruptivos na formação da identidade e no curso do desenvolvimento da linguagem, aqui entendida como constitutiva do sujeito⁽³⁻⁴⁾.

Neste ponto, inserem-se contribuições valiosas sobre a linguagem e suas funções. A primeira delas seria o intercâmbio social, já que para que a comunicação com outros seja possível e ocorra de forma mais sofisticada, é necessário que sejam utilizados signos compreensíveis por seus pares⁽³⁾.

Esse fenômeno gera a segunda função da linguagem: a de pensamento generalizante, no qual a linguagem é capaz de ordenar o real, agrupando todas as ocorrências de uma mesma classe de objetos, eventos, situações, sob uma mesma categoria conceitual⁽³⁾.

A linguagem faz parte de um processo em que se organizam as experiências e transmitem-se sentimentos, idéias, emoções e aspirações.

A associação entre pensamento e linguagem é atribuída à necessidade de intercâmbio dos indivíduos e é fundamentalmente constituída pelas experiências vivenciadas de modo singular e coletivo. E é, também, na coletividade, nas práticas socialmente partilhadas, que a especificidade é constituída⁽¹²⁾.

Quanto ao desenvolvimento de gêmeos MZ, nota-se que, embora o desenvolvimento seja muito semelhante ao de outra criança qualquer, há uma área em que costumam ficar defasados, que é a linguagem. Um dos autores, ao pesquisar tal ponto, revelou que 40% dos gêmeos estudados apresentavam uma linguagem própria, primitiva e ininteligível para outros⁽¹³⁾.

Outros autores concordam que há um atraso no processo de aquisição de linguagem em gêmeos idênticos e sugerem que uma causa para este déficit pode ser a interação intragemelar⁽¹⁴⁾.

Como as práticas discursivas são o campo fértil de emergência do sujeito e da subjetividade, uma vez que ocorrem no contexto das interações e das contingências sociais diferenciadas, no caso da gemelaridade elas mereceriam atenção especial já que gêmeos MZ experienciam um “viver em sociedade” bastante típico.

Com relação à constituição de sua identidade como ser humano, um bebê gêmeo terá sempre a presença de outro bebê com quem se defrontar. É muito mais fácil constituir-se como pessoa estando sozinha, do que na companhia do próprio irmão gêmeo⁽⁴⁾.

Neste trabalho, o objetivo foi acompanhar longitudinalmente uma família, analisando os pressupostos e práticas sociais manifestados discursivamente, a respeito da gemelaridade, a partir do diagnóstico da gestação gemelar de crianças monozigóticas, considerando-se, em especial, o desenvolvimento da linguagem e o processo de constituição da identidade de tais crianças.

MÉTODOS

Esta pesquisa é parte do projeto para tese de doutorado, realizado com dez famílias, que foi aprovado e homologado na II Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 17/02/2004, sob o número 566/2003. O termo de consentimento livre e esclarecido foi assinado pelas famílias participantes.

O trabalho pauta-se no método qualitativo de pesquisa, pois este permite uma análise detalhada e mais complexa do processo de desenvolvimento, em vez de descrever apenas produtos estáticos⁽¹⁵⁻¹⁶⁾.

O recurso utilizado foi a análise do discurso familiar com contribuições de preceitos do estudo da conversação⁽¹⁷⁾, sob a orientação da abordagem histórico-cultural⁽³⁾, pois esta compreende o homem como um conjunto de relações sociais e do paradigma de natureza indiciária⁽¹⁸⁾, que conduz à valorização de indícios de processos em andamento.

Foi realizado o estudo e análise de uma família (F1), que foi selecionada por ser a primeira família a fazer parte do *corpus* da pesquisa. Era composta pelo pai (idade 28 anos), mãe (idade 27 anos), um filho de seis anos e os gêmeos (a partir da segunda entrevista). Tinha, em sua composição direta, um par de gêmeos idênticos, sendo este o fator de inclusão determinante. Os demais fatores, inerentes a um grupo, tais como: condição sócio-econômica-cultural, local de domicílio, raça e crença religiosa, favoreceram a heterogeneidade, o que foi considerado um aspecto positivo, por se aproximar da condição real de diversidade.

Optou-se por entrevistas semi-estruturadas⁽¹⁹⁾ realizadas pela pesquisadora responsável. Iniciavam com uma pergunta geral como: “Como estão as crianças?” e a partir da resposta dos familiares presentes, propunham-se temas (rotina das crianças, vestuário, interação, identificação individual, desenvolvimento, mudanças intrafamiliares etc.).

A primeira entrevista ocorreu no momento do diagnóstico da gestação gemelar monozigótica; a segunda, após o nascimento (1º/2º mês) e as demais ocorreram em intervalos aproximados de três meses, até aproximadamente o 26º mês de vida das crianças⁽²⁰⁻²⁴⁾. O intervalo de três meses visou acompanhar o desenvolvimento das crianças em fases importantes do processo de aquisição de linguagem e de constituição de identidade.

Foram obtidas oito entrevistas vídeo gravadas na residência da família, para se observar, de forma integral, a dinâmica da interação entre os sujeitos, além de se registrar as falas dos interlocutores, que foram transcritas posteriormente para seleção dos episódios a serem analisados.

Um aspecto relevante é que os genitores freqüentaram o ensino fundamental e a família residia na periferia da cidade de Campinas, em moradia com pouca infra-estrutura, sem saneamento básico e fez o acompanhamento pré-natal e parto pelo Sistema Único de Saúde. Dessa forma, os dados aqui analisados, bem como os resultados encontrados, devem ser entendidos como relativos a essa família dentro destas condições.

As categorias das práticas sociais destacadas foram: a descoberta da gemelaridade; escolha de nomes; rotina; vestuário; identidade; interação; linguagem. Tais categorias foram analisadas isoladamente e de forma inter-relacionada, ao longo do desenvolvimento das crianças.

RESULTADOS

No período pré-nascimento (entrevista nº 1) prevaleceu, nessa família, o impacto da *descoberta* e da expectativa fami-

liar quanto ao nascimento de dois bebês. O discurso da família foi todo permeado pela surpresa da notícia da gestação gemelar e seus possíveis desdobramentos quanto à questão financeira (considerado o nível econômico da família), à exigência maior da mãe no cuidado dos bebês e à disposição afetiva do casal quanto aos bebês e o filho mais velho.

(E identifica o episódio (quando houver dois ou mais episódios da mesma entrevista) e T identifica o turno da conversação⁽¹⁸⁾).

E1 T1 – (pai): Eu tomei um choque quando fiquei sabendo que eram gêmeos. GÊMEOS” (+) GÊMEOS” (+)

E1 T2 – (mãe): Fiquei surpresa e achava que só acontecia com os outros (+) É uma emoção muito forte...

Ainda, nessa entrevista, quando os pais e o irmão de seis anos comentavam sobre a descoberta da gestação, pode-se apontar a participação do irmão quanto à *escolha de nomes*.

E2 T1 – (irmão): São dois meninos e o nome vai ser Danilo e Daniel’

A escolha de nomes ainda não estava totalmente acertada, mas a sugestão do irmão era de nomes com a mesma inicial e com muita semelhança fonética.

Mas na entrevista nº 2, foi percebido que a escolha dos nomes ficou a critério do pai, que preferia nomes compostos e a sugestão do irmão foi descartada.

Na mesma entrevista, o pai confirmou a semelhança da *rotina* dos dois meninos, então com 45 dias.

E1 T1 – (pai): A fome é igual, a dor é igual, é tudo igual’ É DOSE DUPLA’

Apesar dessa observação, em seguida ele afirmou que os bebês têm diferença no modo de chorar, de agir e que a identificação era fácil de ser realizada, pois um deles era mais magro.

E1 T2 – (pesquisadora): E a identificação”

E1 T3 – (pai): Normal’

E1 T4 – (mãe): Eles têm diferença’

E1 T5 – (pesquisadora): O que”

E1 T6 – (pai): O choro’ O modo de chorar, de agir’ A aparência’ É mínima (+), mas tem’ O L. é mais magro’

Esta reflexão foi construída a partir da intervenção da pesquisadora e nota-se, aqui, a contradição implícita nas falas do pai, pois, ao mesmo tempo em que ele nota a diferença física e de personalidade de cada filho (pelo modo de chorar e de agir), também diz que são iguais na rotina. E essa rotina semelhante permaneceu no discurso dos pais e irmão até o final das entrevistas.

É importante apontar que, do dia dessa entrevista até a entrevista final, as crianças sempre estiveram com *roupas iguais*, inclusive na cor. Quando questionados sobre o porquê dessa prática, a mãe disse ser uma opção dela.

E2 T1 – (mãe): Eu gosto de comprar igual’ Se eu puder, compro igual’

Nesse momento, o pai interrompeu, dizendo que isso dificultava a reconhecimento e a *identificação* para ele e para a grande maioria das pessoas que os encontravam, inclusive os familiares indiretos.

Outro fato importante a evidenciar é a expectativa da mãe quanto à *interação* das crianças. Ela esperava que os bebês fossem brincar juntos, se olhar, se tocar, desde pequenos, mas

não foi o que aconteceu, pois, apesar de dormirem no mesmo berço e estarem sempre juntos, “*não se olhavam e se ignoravam*”. Isso causou, nela, certa estranheza e frustração.

Ao longo das entrevistas, com o passar do tempo, a interação intragemelar foi se modificando e com isso, a postura da mãe também. A partir da entrevista nº 4, a mãe mencionou a modificação das atitudes das crianças, que passaram a brincar juntos.

TI – (mãe): Passam muito tempo juntos (+) brigam muito (+) Acabam fazendo a mesma coisa’ Se um põe um brinquedo na boca, o outro põe em seguida...

Na entrevista nº 7, a mãe confirma a cumplicidade das crianças.

TI – (mãe): Agora são amigos um do outro, brincam juntos agora, cuidam um do outro’

Segundo o relato da família, quanto ao aspecto da *linguagem*, o desenvolvimento das crianças deu-se dentro da expectativa dos pais. Mas, ainda aqui, apareceu a supremacia de um sobre o outro, nos relatos colhidos. O gêmeo mais velho iniciou a fase do balbúcio primeiro e sempre apresentou uma comunicação oral mais eficiente que o seu co-irmão, sendo, na maioria das vezes, o seu porta-voz.

Mas uma diferenciação nesse processo de desenvolvimento de linguagem foi notada pelos pais, na entrevista nº 8: apesar de apresentarem fala, ela era, muitas vezes, de difícil compreensão e simplificada.

TI – (mãe): Falam bastante (+), mas pedaço de palavras (+) às vezes não dá para entender.

DISCUSSÃO

No início das entrevistas, o impacto da descoberta preencheu o discurso familiar quanto à repercussão do diagnóstico da gemelaridade, expansão da família e seus desdobramentos no âmbito interno de funcionamento da mesma⁽⁷⁻⁸⁾.

Imediatamente após a descoberta da gemelaridade, a questão da identificação legal das crianças permeou o discurso familiar.

O primeiro grupo social do qual o indivíduo faz parte é a família e é esta que acolhe e identifica o bebê. Dessa forma, quanto à escolha dos nomes, tanto a diferença que está no prenome, quanto à igualdade que aparece no sobrenome, estão presentes no nome, sendo este o primeiro aspecto de identidade legal do indivíduo⁽⁴⁾.

No caso de gêmeos MZ, caso a escolha se dê com base na semelhança fonética (como a opção fornecida pelo irmão na entrevista nº 1, em E2 T1), a primeira diferença das crianças poderia ser prejudicada, com reflexos sobre a formação da identidade⁽¹¹⁾.

Lembrando que existe um entrelaçamento entre a formação da identidade do indivíduo e o desenvolvimento de sua linguagem, este pode ser um dos primeiros indícios da importância familiar neste processo⁽⁴⁾.

Com relação à rotina dos gêmeos, sempre aparecia o relato de que os dois tinham fome ao mesmo tempo, ou de que quando um acordava, era só aguardar alguns minutos que o outro também acordaria. A semelhança, de acordo com os relatos, estendia-se até quanto à posição em que as crianças ficavam para dormir e para comer.

Por mais que existam aspectos biológicos, contribuindo para o desenvolvimento parecido das crianças MZ, a semelhança também é evidenciada na categoria vestuário, na qual a opção da mãe por roupas iguais pode mostrar a influência do social no cotidiano dessa família, em detrimento da identificação individual^(4,12).

Nota-se, aqui, mais um aspecto, que pode interferir na formação da identidade, sobre a dificuldade de tornar-se uma pessoa completa em companhia de seu irmão gêmeo⁽¹⁰⁾.

Isto, também, pode reforçar o fato de que gêmeos, mais do que irmãos únicos, têm, sempre ao seu lado, um modelo constante e importante: seu co-irmão. Daí pode advir uma confirmação familiar de que sempre fazem tudo junto. Um exemplo disso é que, observou-se, no discurso familiar, a referência constante ao aprendizado de novas habilidades, sendo feito primeiro por um dos membros do par e, uma semana depois, pelo outro. Tal relato ocorreu para as habilidades motoras como engatinhar, andar e subir em objetos, como também para as atividades simbólicas, como brincar de esconde-esconde e faz-de-conta⁽⁶⁾.

Percebe-se, aqui, a expectativa de que as crianças, por estarem constantemente próximas uma da outra, deveriam mostrar, desde a mais tenra idade, uma “proximidade cognitiva e afetiva”.

Novamente, tem-se um indício de como isso pode alterar a formação de identidade e a singularidade de cada criança. Não necessariamente, a semelhança no período de novas aquisições, mas a esperança familiar fundada em supostas verdades sobre os gêmeos idênticos, é que reforça as práticas cotidianas.

Sobre a linguagem, o relato dos pais não apontou alteração quanto ao início de aquisição, mas sim quanto à qualidade da mesma. Além de observarem diferença entre as crianças, reforçaram que a fala apresentada era de difícil compreensão e, na maioria das vezes, simplificada^(6, 21-27).

Esta fala dos pais aponta na direção de uma alteração no desenvolvimento de linguagem das crianças e associa-se, aqui, aos demais aspectos levantados quanto às categorias apresentadas, enfatizando o entrelaçamento entre a expectativa familiar ligada a gemelaridade e a duplicidade^(1,4,6).

CONCLUSÃO

As categorias das práticas sociais, aqui enfocadas, apareceram no discurso dos pais e irmão e revelaram-se como sendo parte do arcabouço de valores e se mostraram enraizadas na própria constituição dessa família.

Foram encontrados indícios relacionados a alterações no desenvolvimento dos gêmeos, tais como: uma indiferenciação no processo de constituição como sujeito, a presença de uma fala simplificada e muitas vezes apoiada na do co-irmão e a dificuldade dos familiares em considerar cada criança como um ser único e não ligado incondicionalmente ao seu irmão.

O acompanhamento longitudinal da família revelou que as práticas sociais, aqui evidenciadas, mostraram-se muito fortes e determinantes, sobrepondo-se às eventuais preocupações em relação ao desenvolvimento da linguagem, da identidade e da subjetividade dessas crianças. Para os pais, esse era o melhor caminho a ser trilhado quando se tem filhos gêmeos.

Os depoimentos, crenças e pressupostos observados deixaram claro que essa família precisa de um acompanhamento

diferenciado e específico, cabendo ao fonoaudiólogo, instrumentalizar-se para atuar nesses casos, quando necessário.

ABSTRACT

Purpose: Families with monozygotic twin children have some typical practices which begin in early pregnancy and persist during the childhood, including wearing the same clothes and colors, choosing phonetically similar names and offering the same food and sleeping patterns. The purpose of this study was to follow-up, prospectively, one family with identical twins, analyzing the influence of assumptions and social practices expressed in their discourse on the language development and the construction process of each child's identity, from the diagnosis of monozygotic twin pregnancy. **Methods:** The study is based on the naturalist/observational approach, the historic-cultural perspective and the indiciary paradigm. Eight interviews were video recorded every three months since the diagnosis of identical twin pregnancy in one family, and information regarding the following categories were analyzed: the announcement of pregnancy, choice of names, clothes, family interaction, general routine, language and identity of each child. **Results:** All analyzed categories were referred by the family during the interviews, and revealed their difficulty in assimilating the presence of two different children, who end up being seen as one child. **Conclusion:** The social aspects that come along with the similarities of monozygotic twins are remarkable enough to overcome and change its influence on these children's processes of language and identity development. The Speech-Language Pathology has an important role to support these families in the context of their beliefs and values, so that the intervention, when necessary, is effective.

Keywords: Twinning, monozygotic; Language; Family relations; Habits; Social values; Child guidance

REFERÊNCIAS

- Grandesso MA. Família e narrativas: histórias, histórias e mais histórias. In: Cerveny CMO, organizadora. Família e... : narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos nos divórcios, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2006. p.13-29.
- Smolka ALB. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. Cad CEDES. 2000;20(50):26-40.
- Vygotsky LS. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes; 1989.
- Pino A. As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez; 2005.
- Harris JR. No two alike: human nature and human individuality. New York: W. W. Norton & Company; 2006.
- Barbetta NL, Panhoca I. Gêmeos idênticos no grupo terapêutico fonoaudiológico: a construção da linguagem e subjetividade. Pro-Fono. 2003;15(2):139-48.
- Sunelaitis RC, Arruda DC, Marcom SS. A repercussão de um diagnóstico de síndrome de Down no cotidiano familiar: perspectiva da mãe. Acta Paul Enferm. 2007;20(3):264-71.
- Arruda DC, Marcom SS. A família em expansão: experienciando intercorrências na gestação e no parto do bebê prematuro com muito baixo peso. Texto & Contexto Enferm. 2007;16(1):120-8.
- Goffman E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4a. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1988.
- Rusch N, Angermeyer MC, Corrigan PW. Mental illness stigma: concepts, consequences, and initiatives to reduce stigma. Eur Psychiatry. 2005;20(8):529-39.
- Silva TT. Identidade e diferença: impertinências. Educ Soc. 2002;23(79):65-6.
- Rey FLG. Encontro da psicologia social brasileira com a psicologia soviética. Psicol Soc. 2007;19(Spe 2):57-61.
- Bakker P. Autonomous languages of twins. Acta Genet Med Gemellol (Roma). 1987;36(2):233-8.
- Mogford-Bevan K. Developmental language impairments with complex-origins: learning from twins and multiple birth children. Folia Phoniatr Logop. 2000;52(1-3):74-82.
- Turato ER. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. Rev Saude Publica = J Public Health. 2005;39(3):507-14.
- Minayo MCS. Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 9a. ed. São Paulo: Hucitec; 2006.
- Marcuschi LA. Análise da conversação. São Paulo: Ática; 2005.
- Ginzburg C. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. 2a. ed. São Paulo: Companhia das Letras; 2003.
- Martins HHTS. Metodologia qualitativa de pesquisa. Educ Pesqui. 2004;30(2):289-300.
- Mendes DMLF, Moura MLS. Desenvolvimento da brincadeira e linguagem em bebês de 20 meses. Psicol Teor Pesqui. 2004;20(3):215-22.
- Schirmer CR, Portuguese MW, Nunes ML. Avaliação da evolução dos aspectos lingüísticos em crianças que nasceram prematuras aos 3 anos de idade. Arq Neuropsiquiatr. 2006;64(4):926-31.
- Schirmer CR, Fontoura DR, Nunes ML. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. J Pediatr (Rio J). 2004;80(2 Supl):S95-S103.
- Pereira MR, Funayama CAR. Avaliação de alguns aspectos da aquisição e desenvolvimento da linguagem de crianças nascidas pré-termo. Arq Neuropsiquiatr. 2004;62(3A):641-8.
- Borges LC, Salomão NMR. Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. Psicol Reflex Crit. 2003;16(2):327-36.
- Weber DE, Vares MA, Mota HB, Keske-Soares M. Desenvolvimento do sistema fonológico de gêmeos monozigóticos com desvio fonológico: correlação a fatores genéticos e ambientais. Rev CEFAC. 2007;9(1):32-9.
- Campos CF, Pádua ACP, Cruz MS, Hage SRV. Alteração de linguagem em gêmeos: relato de caso. Salusvita. 2004;23(3):513-30.
- Alves TE, Franco KEVB, Hage SRV. Habilidades conversacionais de crianças gêmeas: influência da encefalopatia bilirrubínica. Rev CEFAC. 2004;6(3):253-8.